

Márcia Almada

Estórias fantásticas do rio São Francisco

Autor mineiro reúne em livro precioso narrativas recolhidas do folclore que remetem à crônica social de uma das regiões brasileiras de mais rica tradição cultural e raízes populares autênticas.

 Descobrir sozinha um livro nas prateleiras de uma biblioteca é uma atividade curiosa: depende da intuição, da percepção visual genérica e pontual, do jogo da sedução. Sei o que quero e não procuro nas fichas catalográficas, mas no passeio entre as estantes. Busco um livro que se quer descoberto. Afinal, como dizia Roland Barthes, a obra existe nas mãos do leitor, na “possibilidade de uma dialética do desejo, de uma imprevisão do desfrute”.¹

Um livro se torna raro ou especial por diversos motivos: pela qualidade técnica, pelo valor estético, pela presença da dedicatória do autor, pela história que carrega, pela existência de poucos exemplares disponíveis. Essa carência de exemplares para leitura pode ter sido decorrente de algum acidente natural, da censura política ou religiosa, da distribuição irregular própria das edições de autor, da falta de qualidade da matéria-prima utilizada na impressão, entre outras diversas razões.

Brasil Interior – Palestras populares – folk-lore das margens do S. Francisco, 1912, de Manoel Ambrosio, provoca uma dessas experiências curiosas. Passeando entre as prateleiras da *Coleção Mineiriana*, da Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, o livro se destaca pelo subtítulo: *Palestras populares – folk-lore das margens do S. Francisco*. É a sua arma de sedução imediata.

A data, o lugar e o tema incitam a curiosidade que provoca o jogo do desfrute: mas o que diziam essas pessoas naquela época? Será que dizem ainda hoje?

Na passagem do século XX, a disciplina do folclore encontrava-se ainda incipiente e poucos eram os registros de narrativas orais em Minas Gerais. Em 1868, Richard Burton documentou as lendas e mitos do vale do São Francisco durante sua viagem pelos sertões, em sua obra *Viagens aos planaltos do Brasil*, volume 3. Cinquenta anos mais tarde, o estudioso paulista Lindolfo Gomes inaugura as edições dedicadas somente às narrativas mineiras, apresentando cinco histórias em

Contos Populares e Cantigas de Adormecer. O estudo do folclore passa a se consolidar a partir das obras de Câmara Cascudo, que começam a ser publicadas a partir de 1939 e foram fundamentais para o avanço metodológico das pesquisas e registros das narrativas populares, hoje objeto de pesquisa em diversos campos do conhecimento. Para o historiador, as lendas são um diálogo entre tradição e contemporaneidade.

Em 1934, Manoel Ambrosio publica *Brasil Interior*, uma coletânea de narrativas populares da região do médio São Francisco, concluída em 1912. Ao todo são 12 lendas, 13 narrativas e 15 contos do imaginário regional e universal. É perceptível o esforço empenhado para a edição desta coletânea, pelo tempo decorrido entre a redação e a edição.

Manoel Ambrosio transcreve de modo literal as formas do falar ribeirinho, procurando atenuar, instintivamente, as perdas naturais que sofrem as versões escritas de textos orais, em geral incapazes de transmitir a complexidade da fala, que é envolvida pelo gestual, pelo ritmo da voz e pela interação com a platéia. Mas, ainda que as transcrições adaptadas da oralidade não correspondam à complexidade das experiências concretas, elas são indícios importantes para a análise das transformações da linguagem. São diversas as gradações registradas: a do narrador, a dos oficiais, a dos fazendeiros, a dos vaqueiros, a dos pescadores... Cada grupo utiliza formas, fonemas e expressões próprias. Para facilitar o entendimento do leitor, ao fim da edição há um precioso glossário de termos.

Os temas encontrados na obra de Ambrosio são ligados à paisagem, às relações sociais locais e ao cotidiano dos habitantes. Os personagens são pescadores que buscam riquezas, vaqueiros que se transformam em figuras lendárias, amantes de empresas arriscadas e cheios de coragem e vivências mirabolantes, pessoas que se protegem dos perigos do rio e da mata, corporificados nos monstros e seres imaginários: a

serpente do rio São Francisco, o bicho-homem, o caapora, o dourado, entre outros.

Narrativas como a dos “Três Bundas”, passada em 1835, relembram os conflitos sociais: o valente personagem negro – descrito como “roliço e de singular musculatura, com andar majestoso e grave, mais parecia um general à frente de um exército, do que um comum cidadão”² – torna-se figura ameaçadora às autoridades locais simplesmente pela sua altivez e é sentenciado de morte pelo frágil delegado português.

Conflitos de identidade aparecem em “O Rei do Rosário”, onde o mulato, eleito rei da festa de Nossa Senhora do Rosário, sente-se indignado:

[...] ele, doente da branquidade (*sic*), manteiga de sebo, homem da alta sociedade, estava no caso de fazer uma festa, porém, condigna, do império; pois que, festas de negros não passavam de um abuso de confiança, um desaforo intragável, um insulto direto e falta de consideração à sua pessoa qualificada [...]. De tais honras absolutamente não precisava; seria um imenso favor não se lhe tocar nesse sentido; que sua cabeça jamais cingira uma coroa da santa negra.³

Os membros da irmandade rebelam-se, indignados, contra mínimas ordens do negociante. O fim do mulato é a morte, e ele se transforma, pela maldição lançada por um empregado forçado a trabalhar no dia da festa de Nossa Senhora, em um “cadáver tão disforme pelo rosto como nunca se vira antes”. A busca pela riqueza e pela felicidade, inalcançáveis nas atividades do cotidiano, tornam o homem um aventureiro. Em “Mãe D’Água”, o pescador deseja imaginariamente a riqueza – possível apenas pela descoberta de ouro ou diamante – materializada na exuberância da figura lendária que habita as profundezas do rio São Francisco. O palácio de pedras preciosas, as ricas vestimentas, o canto e, principalmente, o pente de ouro seduzem o pescador e

perturbam seu mundo. O personagem se move pela autocomplacência: “tanta riqueza e ele tão pobre; tanta riqueza onde ele nunca sonhara!”⁴. Mas a aventura, a coragem, a precisão e a sabedoria são atributos de poucos. Para o homem comum, a virtude é contentar-se com o que tem. Essa é a moral, repetidamente lembrada.

O lobisomem e o capeta são representantes do lendário universal. Mas existem na coletânea de Manoel Ambrosio outros seres imaginários que podem estabelecer uma ligação entre tempos e espaços tão distantes. O que há de comum entre o *Bicho-homem* do São Francisco – gigante tão alto que sua cabeça tocava as frondes das mais altas árvores, tendo um olho só, um só pé enorme e redondo, por isso chamado de pé-de-garrafa – e os *Cefalópodes*, seres descritos pelos gregos como uma raça de homens muito velozes, dotados somente de uma perna e um pé tão grande que se podia proteger do sol com a sua sombra? Como interpretar as semelhanças entre o caapora – descrito em *Brasil Interior* como um caboclo pequeno, encantado, de pé redondo, cocho, com um olho único no meio da testa – e o labatut do nordeste brasileiro, os *monoculi* italianos e os *cíclopes* gregos? Esses e outros seres imaginários foram registrados no *Líber Monstrorum*, manuscrito do século VIII, e na *Crônica de Nuremberg*, primeiro livro ilustrado, impresso em 1493.

Para Manoel Ambrosio, as narrativas populares são

[...] sonhos, aparições de almas do outro mundo, contos reais, contos mentirosos, contos de contos, historietas absurdas, casos virgens, ignorados, infalíveis descrições, velhos e novos retiros, velhas e novas tentativas, exemplos aos milhares, aos milhões, toda essa farandulagem de grandeza e interminável sede e desejos de opulências que transpiram da indigência, como da abastança, usuraria, poderia dar um verdadeiro tesouro, realíssimo: de formosas lendas, de belos episódios edificantes, necessários, de homens, de usos, de costumes, de lugares, de remotíssimas eras,

repintadas de quadros da vida nacional com suas emoções, suas reminiscências, seus sofrimentos, afrontas, vinganças e heroísmos patrióticos, que os séculos vão envolvendo na poeira esmagadora de seus mistérios.⁵

As narrativas populares são, enfim, reflexões sobre a vida. As perguntas essenciais do ser humano são descobertas lentamente durante a leitura: “quem sou, como estou, onde posso chegar?” O desejo por “temporadas de luz branca e poesia”⁶, quando é possível escapar do cotidiano enfadonho, é para certos homens um impulso de vida. Mas, como evidenciam as narrativas, a repetição da existência cria hábitos comuns necessários à ordenação, à compreensão do mundo e à sobrevivência da comunidade: o que se oferece aos incautos é o fracasso (humilhação social, morte, desfiguração etc).

Narrar e ouvir estórias são atos sociais de compartilhamento de experiências. A narrativa (oral ou escrita) implica a utilização da vivência do próprio narrador, que é apropriada e transformada pelo ouvinte, possibilitando a atualização permanente da estória narrada:

Já ninguém se lembra mais do velho Guedes, falecido há uns bons 25 anos com quase cem de idade. Contava com gosto, como um dos mais antigos homens do seu tempo, suas velhas e xistosas (*sic*) lendas com o sorriso e a simplicidade de crédula criança com limpeza e graça tais, que não era muito possível a qualquer tentar uma dúvida que saísse de sua boca”.⁷

Como se vê, as lendas prescindem de explicação e de análise. Por meio da memorização, são incorporadas à experiência do ouvinte, que pode ele mesmo vir a tornar-se narrador. Os contextos narrados às vezes são pessoais, às vezes parte da vivência individual de outros que carregam a experiência alheia: avós, pais ou pessoas próximas, como diz o velho Guedes: “o Borges, de quem fui discípulo [...]”. Talvez sejam estes os fatores

que contribuam para a capacidade de permanência da narrativa como tradição.

As lendas e narrativas populares registram processos de integração do homem com a natureza e o espaço, as formas de apropriação e o domínio sobre o invisível. O “Caboclo D’Água” é responsabilizado por tragédias durante as enchentes do rio, pois ele

é caprichoso e vingativo, tomando birra com qualquer vasanteiro (*sic*), não podendo agarrá-lo facilmente, na ocasião das enchentes grandes, rói furiosamente a base dos barrancos, quebra formidáveis barreiras, abre solapões (*sic*) profundos, devasta ilhas e margens até derrubar o rancho, beira-no no chão o desditoso; depois, satisfeito, qual grosso tronco de árvore bóia parado, ou então resvala pelo meio do rio.⁸

A relação mítica com a natureza é, de certa forma, uma das tentativas de domínio do homem sobre as forças naturais e de superação da sua própria incapacidade de entendimento. O lugar desconhecido é o lugar do imaginário, onde habitam seres perigosos. A paisagem é a materialização de um instante e abarca tanto o material quanto o imaterial; é o domínio do visível e do sensível, dado pela percepção. Como se cria a imagem mental de uma paisagem? Segundo Milton Santos, através da composição do ambiente e dos recursos naturais: luz, cores, movimentos, água, flora, homens. A paisagem está ligada à memória das comunidades. O rio São Francisco é local de trabalho e lazer, faz parte do cotidiano, é onde as histórias são construídas, repetidas e transformadas.

O homem acumula experiências e inova. Sua relação com a natureza é dinâmica: se possui a capacidade de transformar a natureza, essa também impõe interpretações e resultados diversos às ações pretendidas. Portanto, a descrição do espaço indica os limites da capacidade de ação humana sobre os recursos naturais



e o seu poder de constante recriação, em sua relação com cada momento histórico. Em “Mãe D’Água”: “o luar clareava as praias do Rio S. Francisco por uma d’essas formosas noites, após os últimos dias de inverno do mês de março”.⁹ A designação das estações é aqui determinada pelo efeito das forças naturais sobre a paisagem: o inverno corresponde ao período em que as chuvas atenuam as temperaturas e imprimem novos ritmos às atividades cotidianas. Outras possibilidades de análise são pertinentes quando percebemos o espaço não apenas como forma, mas também como função – o lugar das relações sociais.

Brasil Interior apresenta-nos algumas poucas estórias da região do Vale do Jequitinhonha, em especial do Arraial do Tejuco. Mas o rio São Francisco é o lugar privilegiado das narrativas, paisagem na qual se inscrevem as mais diversas memórias sobre a vida cotidiana. São descrições sobre vestimentas, alimentação, tipos físicos, origens de pessoas, festas, músicas, danças, religiosidade popular. Geralmente as estórias são passadas em “outros tempos”. A memória do passado torna-se presente na descrição e comparação entre paisagens, lugares e épocas, mantendo-se viva através da narrativa e da rememoração. Raríssimas vezes o tempo histórico é determinado: na maioria, são épocas “imemoriais”. A leitura de Manoel Ambrosio nos faz transitar em diferentes temporalidades e chegar aos dias atuais observando muitas dessas estórias sendo ainda recontadas. O que há de diferente nesse lugar?

Brasil Interior somente foi publicado 22 anos após sua conclusão, em edição simples, capa de papel, sem ilustrações e com diversos erros editoriais. A Biblioteca Pública Estadual Luiz de Bessa, em Belo Horizonte, possui dois exemplares que se encontram na *Coleção Mineiriana* (edições especiais). Apesar de sua importância e pioneirismo, obra e autor não são conhecidos do grande público, estando ausentes inclusive de referências bibliográficas em obras científicas sobre o folclore. Atualmente, a revista eletrônica *Jangada Brasil*, dedicada

ao folclore brasileiro, cumpre o papel de sua divulgação, com inúmeras referências.

Manoel Ambrosio (1865-1947), natural de Januária (MG), foi membro do Instituto Histórico e Geográfico de Minas Gerais e publicou também *Hercília – romance histórico*, em 1923; *Lendas e fatos da minha terra*; e *Antônio Dó: o bandoleiro das barracas*.

Notas |

1. BARTHES, 1987, p. 9.
2. AMBROSIO, Manoel. Os três bundas. In:_____. *Brasil Interior...*, p. 71.
3. AMBROSIO, M. O rei do rosário. In: *op. cit.*, p. 105.
4. AMBROSIO, M. Mãe d’água. In: *op. cit.*, p. 18.
5. AMBROSIO, M. Os diamantes do Tejuco. In: *op. cit.*, p. 188.
6. AMBROSIO, M. Paulo de Santo Antônio. In: *op. cit.*, p. 86.
7. AMBROSIO, M. A onça Borges. In: *op. cit.*, p. 30.
8. AMBROSIO, M. O cabloco-d’água. In: *op. cit.*, p. 61.
- 9 AMBROSIO, M. Mãe d’água. In: *op. cit.*, p. 9.

Referências

AMBROSIO, Manoel. *Brasil Interior*. Palestras populares – folk-lore das margens do S. Francisco. Januária, Minas Gerais - 1912. 1. ed. São Paulo: Nelson Benjamin Monção, 1934. 2 v.

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 1987.

ECO, Humberto (Org.). *História da beleza*. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2004.

FERNANDES, Frederico A. G. (Org.). *Oralidade e literatura*. Manifestações e abordagens no Brasil. Londrina: Eduel, 2003.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1997.

SOUTO, Maria Generosa Ferreira. *Eu nunca vi não... só vejo falá*. Mitos e ritos da narrativa oral nas barrancas do São Francisco. 2001. 119f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2001.

Márcia Almada é historiadora e diretora de Conservação e Restauração da Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais, especialista em Planejamento e Gestão Cultural, mestranda em História Social da Cultura na Universidade Federal de Minas Gerais.